



**Universidade Estadual da Paraíba  
Centro de Educação – CEDUC  
Departamento de História e Geografia – DHG  
Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

MARIA JOSÉ DOS SANTOS NASCIMENTO

## **A DINÂMICA SÓCIOESPACIAL DA FEIRA DE CUITÉ/PB**

Campina Grande - PB  
2011

MARIA JOSÉ DOS SANTOS NASCIMENTO

## **A DINÂMICA SÓCIOESPACIAL DA FEIRA DE CUITÉ/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. João Damasceno

Campina Grande - PB  
2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UEPB

N244d Nascimento, Maria José dos Santos.  
A dinâmica sócioespacial da feira de Cuité/PB  
[manuscrito] / Maria José dos Santos Nascimento. – 2011.  
57f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. João Damasceno, Departamento  
de Geografia”.

1. Geografia Urbana. 2. Cidade – Cuité/PB. 3. Feira  
Livre. 4. Comerciantes. 5. Espaço Urbano. I. Título.

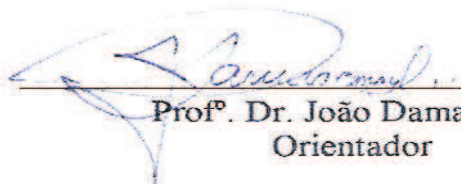
21. ed. CDD 910.91

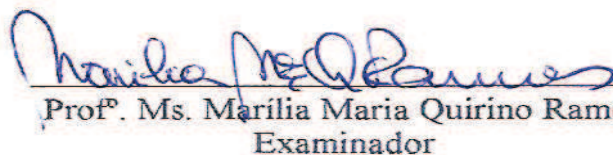
MARIA JOSÉ DOS SANTOS NASCIMENTO

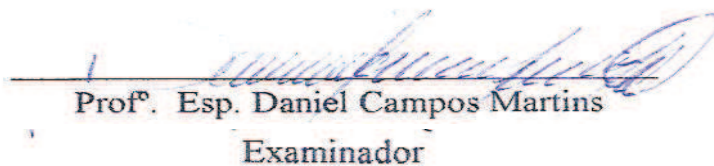
## A DINÂMICA SÓCIOESPACIAL DA FEIRA DE CUITÉ/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Campina Grande – PB, 14 de junho de 2011.

  
Prof.<sup>o</sup>. Dr. João Damasceno  
Orientador

  
Prof.<sup>o</sup>. Ms. Marília Maria Quirino Ramos  
Examinador

  
Prof.<sup>o</sup>. Esp. Daniel Campos Martins  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

A minha maior dívida de gratidão é para com Deus pela realização deste trabalho. Agradeço ao meu pai José Pedro do Nascimento, a minha mãe Joana D'arc dos Santos Nascimento, ao meu companheiro Paulo Giovanni de Azevedo Gomes e aos meus familiares.

Aos meus amigos e colegas do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Amigos que conquistei em Campina Grande durante um período de 5 anos.

Um agradecimento especial a todos que comigo enfrentaram horas de viagem de Cuité a Campina Grande entre os anos de 2005 à 2009. Crisólito, Flaviano, Flávio, Isabel, Diana, Israel. Estes momentos com certeza marcaram nossas vidas.

Finalmente, agradeço ao Prof. Dr. João Damasceno, por ter me orientado neste trabalho. À Universidade Estadual da Paraíba e a todos os colegas e professores que me ajudaram a terminar este curso, com muitas dificuldades, mas sem desistir nunca.

NASCIMENTO, Maria José dos Santos. **A dinâmica sócioespacial da feira de Cuité/PB.** 2011. 57 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo mostrar as mudanças ocorridas na dinâmica socioespacial da Feira de Cuité no período de 1925 a 2011. A feira de Cuité surgiu primeiramente da necessidade da troca de mercadorias e depois da venda do excedente. No começo a feira era realizada no mercado de Três Portas, onde havia algumas mercadorias. Nessa época Cuité tinha apenas cinco ruas e a feira era realizada na chamada Rua Estreita ou Rua do Comércio. Na década de 1940, Cuité já tinha 12 ruas, 2 travessas e uma praça. Esse crescimento ocorreu devido a indústria de sisal e algodão, mesmo assim o município ainda dependia basicamente da agricultura para se desenvolver. Já em 1956 o município cresceu rapidamente sua infraestrutura devido a chegada dos motores de desfibramento o que pode aumentar a produção e o lucro. No ano de 1963 foi criado o novo Mercado Público Municipal, local onde se vendia as mercadorias todas segundas-feiras e também onde se realizava as festas. O município de Cuité dependia do sisal e quando houve sua desvalorização os trabalhadores foram os principais prejudicados, pois ficaram sem emprego. Atualmente o município sobrevive da agricultura, pecuária, extração vegetal, silvicultura e do comércio. Desde 1990 a feira livre de Cuité ocupa 4 ruas da cidade, são elas: Rua Epitácio Pessoa, Rua Vereador Francisco Patrício, na Rua Floriano Peixoto e Rua São Miguel, onde a variedade de produtos comercializados é grande. A feira acontece às segundas-feiras, sendo dividida e organizada pela Prefeitura segundo os produtos comercializados: derivados, industrializados, hortifrutigranjeiros. A feira é uma fonte de sobrevivência para os feirantes. Através de entrevistas com os feirantes foi possível identificar que o setor de frutas, verduras e legumes predomina, em seguida o setor de roupas. A maioria dos comerciantes reside em Cuité. Com relação ao tempo de trabalho a maioria dos comerciantes tem apenas 2 anos de atuação na feira. Isso mostra que uma parte dos feirantes sobrevive da feira e o restante trabalha na feira por falta de emprego formal. Metade dos feirantes afirmou em suas entrevistas que são analfabetos. Com relação aos meios de transportes utilizados para transportar as mercadorias o carro particular predomina e a vinda de caminhões. A maioria dos produtos é comprada em Cuité, seguida de Campina Grande e Santa Cruz. A maioria dos feirantes têm barracas próprias. A maioria dos comerciantes afirmou comprar frutas, legumes e verduras na Empasa em Campina Grande. A Empasa polariza boa parte da comercialização de produtos agrícolas do Estado da Paraíba, vendendo para as feiras livres ou para supermercados da capital e do interior. Ela dita os preços e tipos de produtos, de acordo com o ciclo de cada cultura. A feira funciona como um instrumento gerador de emprego e renda para o município, promovendo a inclusão social de produtores e consumidores de baixa renda. Conduzindo a circulação de moeda dentro do município gerando crescimento econômico.

**Palavras-chave:** Feira Livre. Comerciantes. Empasa. Geração de Emprego.

## ABSTRACT

This work has as objective shows the changes happened in the dynamics space partner of the Fair of Cuité in the period from 1925 to 2011. The fair of Cuité appeared firstly of the need of the change of goods and after the sale of the surplus. In the beginning the fair was accomplished at the market of three doors, where there were some goods. In that time Cuité had only five streets and the fair was accomplished in the call Street it Narrows or Street of the Trade. In the decade of 1940, Cuité already had 12 streets, 2 bars and a square. That growth happened due to sisal industry and cotton, even so the municipal district still depended basically on the agriculture to grow. Already in 1956 the municipal district increased your infrastructure quickly due to arrival of the desfibramento motors that can increase the production and the profit. In the year of 1963 the new Municipal Public Market, place was created where was sold the goods whole Mondays and also where he/she took place the parties. The municipal district of Cuité depended on the sisal and when there were your depreciation the workers they were the prejudiced principal, because they were without employment. Now the municipal district survives of the agriculture, livestock, vegetable extraction, forestation and of the trade. Since 1990 the free market of Cuité occupy 4 streets of the city, they are them: Street Eptácio Pessoa, Street Alderman Francisco Patrício, in the Street Floriano Peixoto and Street São Miguel, where the variety of marketed products is big. The fair happens on Mondays, being divided and organized for the city hall according to the marketed products: flowed, industrialized, hortifrutigranjeiros. The fair is a survival source for the merchants. Through interviews with the merchants was possible we identify that the section of fruits, green vegetables and vegetables prevail, soon after we have the section of clothes. Most of the merchants resides in Cuité. With relationship at the time of work most of the merchants has only 2 years of performance in the fair. That shows that a part of the merchants survives of the fair and the remaining works at the fair for employment lack it forms. The merchants' half affirmed in your interviews that are illiterate. With relationship to the means of transports used to transport the goods the private car prevailing and the coming of trucks. Most of the products are bought in Cuité, followed by Campina Grande and Santa Cruz. Most of the merchants has own huts. Most of the merchants affirmed to buy fruits, vegetables and green vegetables in Empasa in Campina Grande. Empasa is a Headquarters of Provisioning that polarizes good part of the commercialization of agricultural products of the State of Paraíba, selling for the free markets or for supermarkets of the capital and of the interior. She dictates the prices and types of products, in agreement with the cycle of each culture. The fair works as a generating instrument of employment and income for the municipal district, promoting the social inclusion of producers and consumers of low income. Leading the coin circulation inside of the municipal district generating economic growth.

**Key-words:** Free market.Merchants.Empasa.Employment Generation

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização do município de Cuité no estado da Paraíba .....	14
Figura 02	Climas do estado da Paraíba.....	15
Figura 03	Antigo mercado público de Cuité.....	18
Figura 04	Rua Getúlio Vargas na década de 40 .....	19
Figura 05	Rua Getúlio Vargas atualmente .....	19
Figura 06	Museu do Curimataú .....	21
Figura 07	Calçadão Orlando Venâncio na década de 1950 .....	22
Figura 08	Calçadão Orlando Venâncio atualmente .....	22
Figura 09	Mercado Público construído na década de 1960 .....	23
Figura 10	Localização da feira no município de Cuité/PB .....	27
Figura 11	Distribuição da feira em Cuité/PB .....	28
Figura 12	Bancas usadas na feira deixadas pelas ruas ou calçadas de Cuité .....	29
Figura 13	Feira dos animais .....	30
Figura 14	Animais sendo vendidos na feira .....	31
Figura 15	Organização dos plásticos na feira de Cuité/PB .....	32
Figura 16	Bancas de roupas na feira de Cuité/ PB .....	32
Figura 17	Venda de roupas e tecidos na feira de Cuité/PB .....	33
Figura 18	Carros que transportam mercadorias e feirantes .....	34
Figura 19	Mercado público visto de fora .....	35
Figura 20	Venda de feijão e farinha em parte do Mercado público .....	35
Figura 21	Venda de carne no mercado público .....	35



**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01	Distribuição das entrevistas pelos setores da feira .....	39
Gráfico 02	Grau de escolaridade dos feirantes de Cuité/PB .....	41
Gráfico 03	Principais meios de transporte usados pelos feirantes de Cuité/PB .....	41
Gráfico 04	Origem dos produtos da feira de Cuité .....	42
Gráfico 05	Distribuição de entrepostos por regiões brasileiras .....	43

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 01	Produtos comercializados na feira de Cuité/PB .....	36
Quadro 02	Tempo de atuação dos feirantes .....	40
Quadro03	Entrepósitos nacionais segundo o volume de movimentação de hortigranjeiros .....	44

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PROCESSO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE CUITÉ/PB .....</b>	<b>12</b>
2.1	Formação histórica do município de Cuité .....	12
2.2	Aspectos geográficos do município de Cuité .....	13
2.3	Resgate histórico da feira de Cuité .....	16
2.4	A espacialização da feira e sua distribuição .....	26
<b>3</b>	<b>OS ATORES SOCIAIS .....</b>	<b>38</b>
3.1	Os feirantes vendedores de Cuité/PB.....	38
3.2	A rede de distribuição atacadista no Brasil e a Ceasa/Empasa de Campina Grande /PB .....	42
<b>4</b>	<b>A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FEIRA PARA O MUNICÍPIO E REGIÃO E OS PROBLEMAS AMBIENTAIS GERADOS .....</b>	<b>46</b>
4.1	A importância da feira para o município de Cuité .....	46
4.2	Os problemas ambientais gerados pela feira .....	48
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar a dinâmica sócioespacial no período de 1925 a 2011, observando as principais modificações no comércio da cidade de Cuité/PB, mais particularmente, na feira da cidade.

O interesse pelo tema surgiu da falta de estudos na área por parte dos pesquisadores da região e, também, por uma afinidade com a temática. Foi a partir da leitura e tema Espaço Urbano a exemplo de Corrêa, que o desejo de estudar a feira de Cuité cresceu.

O autor descreve as cidades capitalistas como locais onde há acumulação de capital e processos sociais. Também ocorre o surgimento das áreas centrais, ou seja, locais que concentram as principais atividades comerciais, de serviços, da política pública e privada e os meios de transporte. Ao mesmo tempo, observam-se em Cuité as pessoas mais velhas falando como a feira cresceu e destacando a variedade de produtos e preços.

Portanto, a escolha da área de estudo se justifica pelo fato de ser moradora de Cuité e frequentar a feira semanalmente como consumidora, percebendo a dinâmica da feira. Outro motivo para estudar a feira é sua importância para cidade e para região. Por último, não há estudos sobre a temática em Cuité.

Analisar-se-á as mudanças e evolução da feira de Cuité incluindo o resgate histórico da feira por meio de entrevistas com pessoas mais velhas e também com fotos. Além disso, serão identificados os fatos responsáveis pelas mudanças e verificará como ocorre a organização, o uso e ocupação do espaço pelos feirantes.

Para alcançar os objetivos propostos foi necessário primeiramente fazer uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, depois houve a pesquisa *in loco* na área de estudo, que teve como objetivo a observação e a coleta de dados através de entrevistas formais e, por último, a análise e interpretação dos dados colhidos.

Esse estudo foi estruturado em três capítulos que analisará a feira de Cuité em sua particularidade destacando seu resgate histórico, os atores sociais (os feirantes) que fazem a feira e a importância da feira para o município e região.

No primeiro item intitulado **Processo histórico e geográfico do município de Cuité/PB**, faz um breve resgate da formação do município desde sua “descoberta” até a emancipação política. Depois se destaca os aspectos geográficos do município (localização, clima, relevo, hidrografia, vegetação e população). Logo em seguida, traz o resgate histórico da feira por meio de fotos antigas e relatos orais de pessoas mais velhas. Por fim, o

item mostra a espacialização da feira e sua distribuição, destacando como os setores da feira estão divididos.

No segundo item, denominado **Os atores sociais**, analisou-se 50 feirantes por meio de entrevistas formais baseadas em um questionário com 15 questões estabelecidas. Através desta entrevista buscou-se saber onde os feirantes compram as mercadorias, o setor que predomina na feira, saber a naturalidade dos feirantes, o meio utilizado para chegar à feira, o grau de instrução dos feirantes, saber se a banca é própria, alugada ou cedida, quanto paga de imposto à Prefeitura, se participa de outras feiras, por fim, existem as Centrais de Abastecimentos (Ceasas) que polarizam parte do comércio de produtos agrícolas na Paraíba e decidem os preços e tipos de produtos de acordo com o ciclo natural.

No terceiro e último item, **A importância econômica da feira para o município e região e os problemas ambientais gerados pela mesma**, traz a feira como um instrumento sócio econômico que gera emprego e renda para o município, além de oferecer diferentes variedades de produtos e preços atendendo todas as classes sociais. Por fim, destacam-se os problemas ambientais causados pela feira de cuité.

## **2 PROCESSO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE CUITÉ/PB**

### **2.1 Formação histórica do município de Cuité**

De acordo com Santiago (1936, p.3), a palavra Cuité “é de origem indígena, e provém do uso que os índios “cuités”, da tribo dos Paiacus”, pertencentes ao grupo Cariris fazia do fruto da cuitezeira, a qual, seco e aberto ao meio, tinha várias finalidades: cocho, cuia, gamela, entre outros.

O município de Cuité/PB teria sido “descoberto” por um senhor residente no então povoado de bananeiras, acompanhado com dois filhos, saíram para caçar percorrendo grande distância de onde moravam, avistaram a Serra da Canastra, hoje pertence ao município de Barra de Santa Rosa, e Serra do Bom Bocadinho. Os exploradores ficaram admirados com o verde da vegetação serrana. Avançando mais as terras adentro perceberam que estavam diante de uma Serra, era a Serra de Cuité, aproximaram-se e descobriram na parte sul desta Serra um olho d’água que se desprendia de um grande paredão. O senhor retornou para sua casa em Bananeiras, e enviou a notícia de sua descoberta ao Provedor-Mor da Província da Paraíba.

O povoamento de Cuité ocorreu através do Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia, que aos 31 de Outubro de 1784, requerendo a data de nº 821 da “Lagoa de Coyté”, procurando povoá-la edificou a Capela de Nossa Senhora das Mercês. Esta Capela foi construída por volta de 1784/1788. A origem do povoado de Cuité deu-se a partir desse momento. Ainda em Santiago (1936, p.4) tem-se a seguinte afirmação:

Caetano Dantas Correia doou a meia légua de terra daquela data que tinha requerido, mirando-se em torno da Capela, a fim de se construir o patrimônio da Santa. Aos 25 de agosto de 1801 a dita Capela passava a sede de freguesia desligando-se a Caicó, de que dependia por decreto do Sr. Bispo de Olinda, D. José Joaquim de Azevedo Coutinho.

Durante o século XIX, o povoado passou por diversos acontecimentos, entre eles podemos destacar os seguintes: em 15 de Outubro de 1827 pela lei estadual nº 15, foi criado o Distrito de Paz de Cuité, pertencente ao município de Bananeiras. No dia 27 de Maio de 1854 pela lei provincial nº 4, foi criado o município de Serra de Cuité, desligando de Bananeiras. De povoado dependente, Cuité passou a Vila autônoma. Porém, durante o período de meados

do século XIX até início do século XX, o desenvolvimento urbano da Vila foi lento, com poucas ruas e casas.

No início do século XX, a comarca e o município foram transferidos para o antigo distrito de Picuí, que agora se transformaria em Vila e passaria a ser sede do Município. Santiago (1936, p.5) diz que:

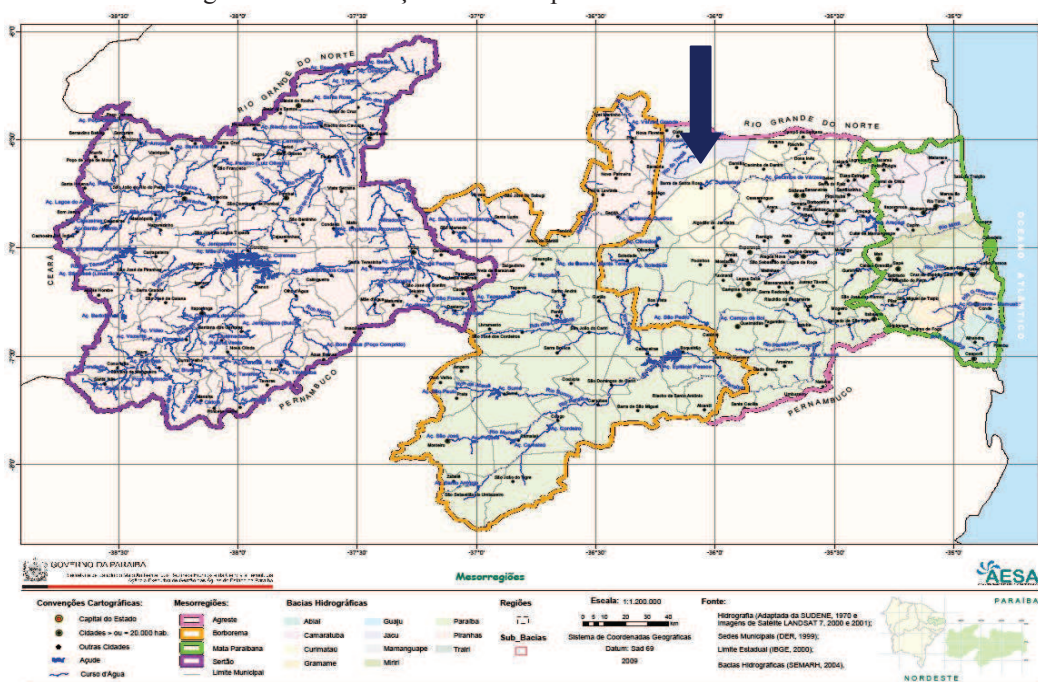
A transferência ocorreu aos 29 de Outubro de 1904, pela lei nº 212 e instalada em Picuí aos 24 de Novembro de 1904, sendo seu Juiz de Direito Dr. Abdias da Costa Ramos, e municipal, Dr. Salustino Erigeno Carneiro. O município perdeu o status de Vila, resumindo-se apenas ao de Distrito de Paz.

Só no dia 25 de janeiro de 1937, aconteceu a oficialização da emancipação política. Quase dois anos depois, o decreto-lei federal de nº 311 de 2 de Março de 1938 do governo federal, torna todos os municípios até então existentes em cidades, assim Serra de Cuité passa a ser simplesmente Cuité.

## **2.2 Aspectos geográficos do município de Cuité**

O município de Cuité está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião do Curimataú Ocidental. Sua Latitude é de 06° 29'01" S, e Longitude de 36° 09'13" W Gr. O município tem uma área de 742 Km<sup>2</sup> e sua altitude é de 667 m. Cuité faz divisa ao Norte, com o estado do Rio Grande do Norte, a Leste, com os municípios de Cacimba de Dentro, Damião e Barra de Santa Rosa, a Oeste, com os municípios de Nova Floresta, Picuí e Baraúna e ao Sul, com o município de Sossego(SEBRAE/PB/PRODER, 1997, p.6),

Figura 01 - Localização do município de Cuité no estado da Paraíba

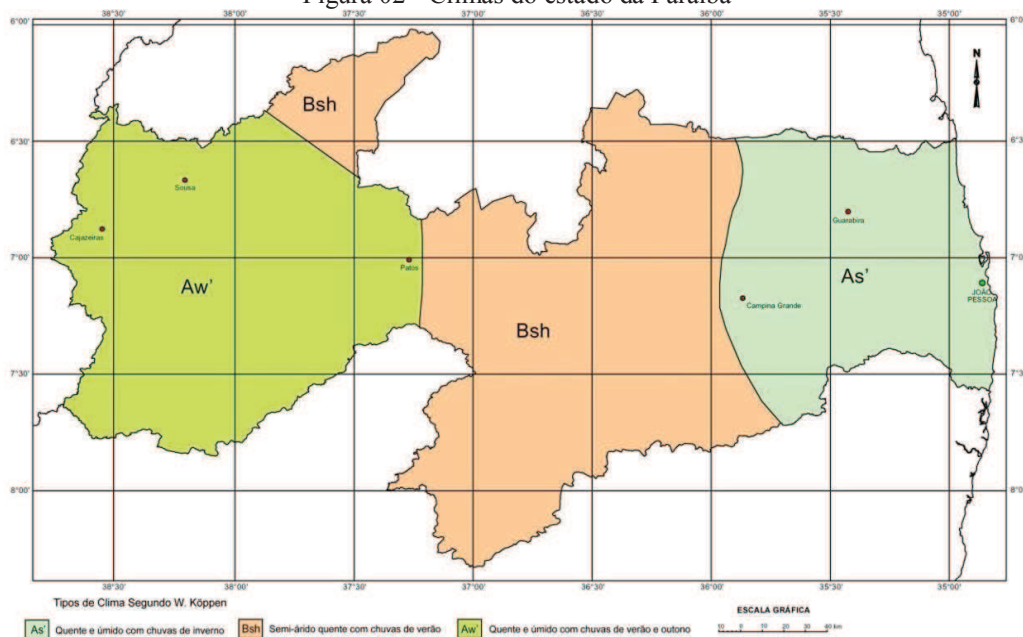


Fonte: AESA (2011)

O clima do município é predominantemente quente e seco, localizado na região do Semiárido quente com chuvas de Verão (Bsh). Essa classificação climática pertence ao climatologista alemão Wladimir Köppen, que considera a vegetação, o relevo, o regime pluvial e a temperatura, dentre outros elementos e representa com letras características os regimes. Por causa da altitude onde se localiza a cidade, a temperatura geralmente apresenta-se amena, variando entre 18° e 30° C. Superando facilmente a temperatura de 32° C nos períodos mais quentes do ano, como a primavera e o verão, que vão de Setembro a Março. A pluviosidade média anual de 916,30 mm e a média mensal é de 76,35 mm (MOBRAL, 1985, p.32).



Figura 02 - Climas do estado da Paraíba



Fonte: Paraíba (1985)

O município faz parte do Planalto da Borborema. A sua topografia é muito acidentada, pois faz parte de uma cadeia de serras, que entre as quais se destacam: a Serra de Cuité, que divide o município de Cuité com o Rio Grande do Norte, e se estende até o município de Picuí, no Seridó Paraibano Oriental. A Serra do Bom Bocadinho faz divisa com o município de Barra de Santa Rosa. No município ainda encontra-se duas depressões, a Depressão do Pinta Cachorro, estendendo-se até o Rio Grande do Norte, no sentido sul-norte e a Depressão do Rio Japí, esta depressão também se estende até o Rio Grande do Norte, com sentido oeste-leste. A altitude média dessas depressões é por volta de 400 a 450 metros acima do nível do mar.

O município de Cuité encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Jacu. Segundo o SEBRAE/PB/PRODER (1997, p.8), os cursos d'água mais importantes são os rios: Jacu, Campo Comprido e o Rio Pinta Cachorro, todos eles em direção ao Rio Grande do Norte. Existem também diversos riachos, como o do Gama, do Marimbondo, da Quixadá, e da União, afluentes do Rio Pinta Cachorro. O açude que mais se destaca e é o responsável pelo abastecimento da água da cidade é o Boqueirão do Cais com capacidade máxima de 12.367.300 m<sup>3</sup>.

Neste recorte do espaço territorial paraibano localiza-se no bioma da Caatinga do Curimataú, mas muito de sua vegetação original foi destruída por culturas diversas (algodão, milho, feijão, mandioca e sisal) e também para a criação do gado. Nas Serras do município,

como as Serras de Cuité e Bom Bocadinho existe um tipo de vegetação adaptada às altitudes dessas serras, é a Mata Serrana, cujo tipo se assemelha à Mata “Úmida do Brejo” com algumas espécies da flora da Caatinga. Mas muito desta mata foi destruída restando poucos fragmentos nos arredores da Serra do Cuité.

Os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010 registraram uma população total de 19.950 mil habitantes, dos quais 13.462 residem na zona urbana e 6.488 na zona rural. Destes, 9.818 são do sexo masculino e 10.132 são do sexo feminino (IBGE, 2011).

### 2.3 Resgate histórico da feira de Cuité

O termo **feira** provém da palavra latina “feria” – “dia de festa”- é normalmente utilizado para designar um lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem-se mercadorias (FERREIRA, 2000, p. 317).

Assim, o sentido mais comum a feira refere-se sempre à praça de comércio, ou seja, local onde se estabelecem várias formas de atividades econômicas e sociais. De acordo com Ferreira (1986, p. 543), a expressão feira refere-se ao “local onde se expõem e vendem mercadorias. Local onde se vendem frutas, legumes e outros produtos alimentares”

No caso da cidade de Cuité, a feira surgiu da necessidade das pessoas residentes na zona rural, na maioria pequenos produtores agrícolas e pescadores, trocarem seus produtos por “coisas” diferentes, reforçando a noção econômica de equivalência entre os objetos. Portanto, a produção de ovos, galinhas, pequenas criações, verduras e cereais era negociada na cidade.

De acordo com Braudel (1998, p.404) “as cidades nasceram da mais antiga, da mais revolucionária das divisões do trabalho: campo de um lado, atividades ditas urbanas do outro”.

Já Prado Júnior (1986, p. 123) descreve o surgimento e o desenvolvimento das cidades da seguinte maneira:

Na Baixa Idade Média, as cidades nasceram e se desenvolveram a partir de uma função econômica, mesmo quando eram as antigas cidades romanas que readquiririam vida urbana. Eram cidades de mercadores que viviam em função do comércio.

As cidades nasceram ou renasceram do desenvolvimento do comércio e da agricultura na Europa, que garantia o abastecimento desses centros urbanos.

Formaram-se juntos aos portos ou ao longo das rotas comerciais, porém as mais prósperas estavam próximas de regiões agrícolas férteis e de tecnologia avançadas.

O comércio surgiu da necessidade da troca dos excedentes, onde se buscava a acumulação de capital. A partir desse comércio primitivo baseado na troca surgiram algumas cidades. Desde a antiguidade as feiras se destacaram no cenário do comércio por meio das trocas, mas foi só na Idade Medieval que a produção de mercadorias aumentou, desenvolvendo o comércio nas cidades. Assim, as feiras periódicas eram realizadas uma ou duas vezes por semana primeiramente nos feudos e logo em seguida nas urbes. Dessa forma, se estabeleceu um comércio fixo nas cidades. Portanto, o surgimento de algumas cidades e o desenvolvimento de outras se deve ao comércio estabelecido pelas feiras.

Nesse sentido, buscou-se através das perspectivas teóricas e relatos orais compreender como se deu o desenvolvimento da feira de Cuité.

O depoimento oral é utilizado como um recurso ou fonte de informação de fatos que ocorreram e que por algum motivo não estão devidamente registrados. Portelli (1997, p. 41) descreve o depoimento oral da seguinte forma:

Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história.

O Dr. Rivaldo Silvério da Fonseca, nobre cidadão da cidade, descreve Cuité da época de sua infância:

A Vila de Serra de Cuité constituída, por nada mais, nada menos do que cinco ruas, a saber: Rua da Lagoa, também chamada de Rua Larga; Rua do Cruzeiro; Rua Estreita, também conhecida como Rua do Comércio; Rua Para-Velha e Rua do Boi Choco. A Rua da Lagoa era muito larga e foi dividida ao meio, dando lugar as Ruas 15 de Novembro e 17 de Julho. A Rua do Cruzeiro recebeu este nome porque nela se erguia o velho cruzeiro, símbolo da Cristandade ficando à frente da Igreja Nossa Senhora das Mercês. Foi ela a primeira rua surgida ao lado da Capela edificada (PEREIRA SOBRINHO, 2005, p.35).

O Velho Mercado Público de Cuité foi construído em 1925 na bifurcação das Ruas 15

de Novembro e Getúlio Vargas no centro da cidade e era conhecido como Mercado Público das Três Portas. Ele serviu por longos anos de abastecimento de diversas variedades de especiarias para toda a população do município. Conforme apresenta-se na Figura 03.

Figura 03 - Antigo mercado público de Cuité atualmente



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

De acordo com o Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba (MEDEIROS, 1940), Cuité tinha 12 ruas, 2 travessas e uma praça. O recenseamento de 1940 registrou: 461 prédios urbanos, 258 suburbanos, 2.910 rurais e uma população urbana de 1.326 habitantes, 854 suburbanos e 13.201 habitantes rurais. As Figuras 03, 06 e 08 retratam fragmentos históricos da estrutura urbana e sua arquitetura.

---

<sup>1</sup> Fotografia tirada por Maria José dos Santos Nascimento (autora), para ilustrar este Trabalho de Conclusão de Curso.



Figura 04 - Rua Getúlio Vargas na década de 1940



Fonte: Pereira (2011)

Figura 05 - Rua Getúlio Vargas atualmente



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Em 1941 a indústria de Cuité consistia no preparo de fibras de agave e algodão. Para o beneficiamento do algodão funcionava dez máquinas. O distrito de Santa Rosa (Barra de Santa Rosa) fabricava queijos. Em 1941 o município exportou 600.000 Kg de algodão em pluma; 240.000 sacos de 60 Kg de farinha de mandioca.

O senhor Domingo Graciliano Ramos<sup>2</sup>, 82 anos, descreve a cidade e a feira no seguinte trecho: *“Naquela época eu tinha aproximadamente 11 anos e já ajudava meu pai na lavoura de feijão, milho, fava durante a semana. Cuité ainda era pequena comparada com hoje. Eu, meus irmãos e meus pais morávamos na Rua da Lagoa. Parte do que produzíamos como o feijão ficava para nós nos alimentarmos no período de seca e o restante era vendido para comprar farinha, produtos de higiene como o sabão. Quase não havia carros pelas ruas e as crianças brincavam livres. Fui a feira várias vezes com meu pai para vender o que sobrava da plantação e comprar alguma coisa que faltava em casa. A feira era realizada praticamente dentro do mercado público, ou seja, em um espaço pequeno. A população da rede urbana sempre vinha para comprar e vender mercadorias que naquele tempo era feijão, farinha, sabão, tecido para fazer roupa, temperos entre outros. Normalmente a população mais pobre trabalhava na plantação de agave, algodão e pequenas roças. O dinheiro era pouco e quase sempre nos alimentávamos basicamente de feijão e farinha. A carne era consumida por pessoas da rede urbana que tinham dinheiro”*.

Percebe-se nos relatos do senhor Domingo Graciliano Ramos, que o município de Cuité dependia basicamente da agricultura para crescer economicamente, além da pouca condição econômica para comprar comida. A feira era realizada apenas no Mercado público onde as pessoas iam vender seus excedentes e comprar o que faltava em suas casas. Não existia grande variedade de produtos, apenas o básico para sobrevivência.

É importante destacar que as atividades de comércio e de serviços são processos sociais que contribuem para a produção do “espaço urbano”, o qual, na sua complexidade, é definido por (CORRÊA, 1993, p. 7) como: “[...] fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais”.

Ou seja, o espaço urbano é formado por diferentes usos da terra. Neste espaço se realizam diferentes atividades, desde a produção e venda de mercadorias, prestação de

---

<sup>2</sup> Entrevista cedida dia 18 de janeiro de 2011, em sua residência, Rua Miguel de Almeida, na cidade de Cuité – Paraíba.

serviços.

De acordo com Pereira Sobrinho (2005, p. 62) na década de 1950 a cidade de Cuité já tinha a Rede Elétrica da Prefeitura de Cuité, na administração do Sr. Pedro Simões Pimenta. As casas eram iluminadas até as 20:00 horas. A máquina era a vapor, e era usado carvão e lenha para seu funcionamento. Foi nesse período que o Mercado Público deixa de ser o local onde se realizavam as festas sociais da cidade que passaram a ser realizada no Cuité Clube. Nos dias atuais o Cuité Clube ainda existe mais funciona como o Museu do Curimataú. Figura 06.

Figura 06 - Museu do Curimataú nos dias atuais



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

A senhora Maria da Conceição do Nascimento de 72 anos, em suas lembranças relembra boas recordações da feira nessa época e diz *“a feira já não era realizada apenas no Mercado Público, ela também acontecia no velho Calçadão Orlando Venâncio, onde havia o casarão de Maximina Fonseca. Tinha muita gente pelas ruas, todos com camisas longas e chapéu na cabeça”*.

Dona Maria da Conceição cresceu em Cuité, e ao mesmo tempo acompanhou o crescimento e desenvolvimento da cidade. Ela relata que naquela época a feira era diferente. As pessoas iam para comprar e conversar. As Figuras 07 e 08 retratam como era o calçadão Orlando Venâncio e como se encontra atualmente.

Figura 07 - Calçadão Orlando Venâncio na década de 1950



Fonte: Pereira (2011)

Figura 08 - Calçadão Orlando Venâncio atualmente





Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

A partir de 1956, o município teve um surto considerável de crescimento, principalmente em relação à infraestrutura, avanço este conseguido com a chegada dos motores de desfibramento, o que pode aumentar ainda mais a produção e o lucro. Antes a produção era baseada na pecuária e no cultivo de culturas temporárias como o milho e o feijão, além da mandioca e algodão. Segundo os dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1960, p. 259), Cuité apresentava a seguinte infraestrutura urbana:

Em todo o município, funcionavam 5 estabelecimentos grossistas e varejistas, explorando os ramos de tecidos em geral, gêneros alimentícios, chapéus, ferragens, drogas, perfumarias, miudezas e calçados. Daquele total, 67 estabelecimentos localizavam-se na cidade. Há no município 82 veículos rodoviários: 64 caminhões, 6 automóveis comuns, 4 jipes, 4 ônibus e 4 camionetas. Sua rede rodoviária estende-se por 227 quilômetros. Com vias de comunicação, o município dispõe de uma agência postal-telegráfica do departamento dos correios e telégrafos, e uma estação radiotelegráfica da Prefeitura. A sede municipal possui 26 logradouros, sendo 4 pavimentados a paralelepípedos e um a pedras irregulares. Desses, 5 são arborizados e um simultaneamente arborizado e ajardinado, que é, a Praça Barão do Rio Branco. Existem 998 prédios na cidade, disseminados por 22 artérias que contam 334 ligações elétricas domiciliárias.

Nesse período foi organizada com mais estrutura a feira livre de Cuité, realizada semanalmente nas Segundas-Feiras. Em 1963 foi construído o novo Mercado Público Municipal, prédio este de grande valor econômico, histórico e comercial. Figura 09.

Figura 09 -Mercado Público construído na década de 1960



Fonte: Pereira (2011)

Ribeiro(1965, p. 2)afirmava que “a feira abastece umadeterminada região, o mercado tem caráter local e limita-se, geralmente, à venda deprodutos e de artigos de primeira necessidade”.

Esse Mercado foi modificado, a princípio existia 12 portas originais, hoje existe apenas 6. Atualmente abriga a venda de carnes e cereais. O Mercado fica localizado na Rua Floriano Peixoto na área central da cidade de Cuité.

Corrêa (1993, p. 38)diz que a Área Central constitui-se no foco principal não apenas na cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização.

Nessa Área Central existe o processo de coesão que pode ser definido por Corrêa (op.cit, p. 56) como sendo “o movimento que leva as atividades a se localizarem juntas”. Ou seja, apesar de não manterem ligações entre si, como as lojas varejistas da mesma linha de produtos, formam um conjunto funcional que cria um monopólio espacial.

O sisal trouxe prosperidade para o município. Tanto para o grande produtor quanto para seus subordinados, onde ambos melhoraram seus padrões de vida durante os tempos de auge do sisal.

De acordo com os dados do Censo Agropecuário do IBGE (1978), dentre as microrregiões do Curimataú e Serra do Teixeira teve a maior produção respectivamente, 31, 4% e 23, 4% do total produzido no estado. Costa (1989, p. 24) diz que:

A área total colhida de sisal no ano de 1980 no Curimataú foi de 21.000 há. Cuité, Nova Floresta e Barra de Santa Rosa produziam juntos o valor equivalente a 95,64% do total produzido na microrregião, enquanto só o município de Cuité foi responsável por 38,10% da quantidade da microrregião.

O município de Cuité dependia praticamente da produção de sisal para quase tudo. Com a desvalorização do sisal o município sofreu um grande impacto. Seus campos diminuíram, ou foram queimados. Os produtores não tinham condições de plantar lavouras temporárias devido à escassez de chuvas e também pela falta de retorno significativo. Já o sisal é uma planta resistente e adaptável à realidade climática do semiárido nordestino.

Em 2003, a produção de sisal chegou a apenas 500 toneladas anuais, um dos números

mais baixos desde o início da produção do sisal em Cuité. De acordo com Moreira (1997, p. 160):

Nas áreas maiores produtoras, o sisal está perdendo espaço para castanha de caju, mandioca, o coco-de-baía, a batata-doce, o maracujá e até para o tomate, como na serra do Teixeira. Devido ao rigor da seca de 1993, além da produção de sisal ter caído a patamares nunca antes alcançados, as fibras tornaram-se muito curtas, o que determinou uma desvalorização do produto no mercado, criando uma situação insustentável para a atividade.

Os trabalhadores foram os principais prejudicados, pois numa região carente de ofertas de emprego, o sisal era praticamente a única fonte de renda para a maioria dos trabalhadores do município durante o ano.

Dona Maria da Conceição<sup>3</sup>, 72 anos, conta que: *“quando começou a crise causada pelo sisal eu e meu marido Pedro vivíamos do trabalho do sisal. Nós tínhamos três filhos, duas meninas e um menino e sobrevivíamos com o dinheiro vindo do sisal. Quando o sisal ficou barato não tínhamos onde trabalhar. Voltamos a plantar feijão, milho, fava, batata. Passamos fome muitas vezes. Tinha dia que nós dávamos o feijão as crianças e tomávamos o caldo. Não íamos a feira, pois dinheiro praticamente não tínhamos”*.

Atualmente o município sobrevive da agricultura (produção de algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, trigo, ente outros), da pecuária, extração vegetal e silvicultura e do comércio.

Na década de 1990 a feira livre de Cuité ocupava quatro ruas da cidade eram elas: a Rua Eptácio Pessoa, Rua Vereador Francisco Patrício, na Rua Floriano Peixoto e Rua São Miguel. A variedade de produtos já era grande. Eram comercializados produtos como sapatos, roupas, motos, animais, frutas verduras, brinquedos, plásticos, bolsas e bijuterias entre outros.

Hoje a feira ainda acontece às segundas-feiras, nas mesmas ruas. Antes não se separava as mercadorias de acordo com os tipos dos produtos. Era possível encontrar roupas, brinquedos, plásticos, verduras e frutas tudo junto na mesma localidade. Mas desde 1995, o Poder Público municipal fez divisões e separou as mercadorias de acordo com seus tipos.

A feira atravessou por todos esses momentos se mantendo como uma alternativa de consumo para população, mesmo não sendo a única forma de abastecimento. Ela acontece entre as seis da manhã as seis da noite da segunda. A feira livre é dividida e organizada pela

---

<sup>3</sup> Entrevista cedida dia 19 de janeiro de 2011, em sua residência: Rua Miguel de Almeida, na cidade de Cuité – Paraíba.

PrefeituraMunicipal segundo os produtos comercializados: derivados, industrializados, hortifrutigranjeiros

A feira livre de Cuité possui uma importância econômica, pois é uma atividade periódica popular, destinada a comercialização de diferentes produtos e ao abastecimento da população do município e nas comunidades rurais de Cuité e de outros municípios próximos. A feira também representa o lugar onde se expressa a tradição popular, onde se realiza uma grande quantidade de atividades paralelas, o lugar de conversas e de encontros.

#### **2.4 A espacialização da feira e sua distribuição**

A feira livre é uma forma espacial de comércio tradicional na cidade de Cuité, sendo realizada apenas as segundas. Por se tratar de uma atividade que se realiza em apenas um dia da semana é classificada como atividade comercial periódica, possuindo suas particularidades e dinâmicas específicas.

Para Vieira (2004), as feiras livres são uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial ultrapassado, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Em Cuité observa-se a presença dos comerciantes informais na área central da cidade, que inseriram no espaço urbano cuitense uma nova dinâmica espacial, principalmente por estarem localizados em pontos fixos, temporários e ocasionais.

O artigo 1º, dalei nº235, de 15 de janeiro de 1992, considera a feira livre como uma “atividade realizada em local previamente designado, em instalações provisórias ou definitivas, de caráter cíclico, para comercialização de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos de artesanato, pescado, aves, plantas, laticínios, carne de sol, lanches e confecções” (DISTRITO FEDERAL, 1992).

Em todo Brasil, existe legislação que regulamenta o funcionamento das feiras livres. Normalmente, essas leis estão no âmbito do poder municipal e regularizam sobre implantação, licenciamento, grupos de comércio, critérios de aceitação de feirantes, localização, dias e horários de funcionamento, cobranças e/ou isenção de taxas, práticas

comerciais, exigências sanitárias.

No município de Cuité, a localização da feira é decorrente do fluxo de pessoas que transita na área central, já que o centro da cidade se destaca pela presença de lojas comerciais, da sede do poder administrativo e, ainda, dos bancos.

Essa espacialização dos comerciantes informais sejam pontos fixos outemporários (re) organizam a dinâmica dos espaços na área central, que devido a esses são adaptados, com a diminuição dos espaços para livre circulação e a criação de espaços que já setornaram pontos tradicionais e simbólicos de compras para a população cuitense. A localização da feira pode ser observada na Figura 10.

Figura 10 - Localização da feira no município de Cuité/PB



Fonte: Google Earth(2011)

Os pontos fixos encontram-se distribuídos por toda área central, sendo localizada



principalmente, na Rua Getúlio Vargas, Rua 25 de janeiro e Rua Deodoro da Fonseca. E os temporários, em sua maioria, na Rua Epitácio Pessoa, Rua Vereador Francisco Patrício, na Rua Floriano Peixoto e Rua São Miguel.

A espacialidade dos pontos ocorre de acordo com os produtos comercializados. Na Rua Getúlio Vargas encontra-se o setor de roupas, remédios e perfumaria, já na Rua 25 de janeiro destacam-se os materiais de construção e eletrônicos. Localiza-se na Rua Deodoro da Fonseca os prédios comerciais com o Multibank, já nas ruas Epitácio Pessoa, Rua Vereador Francisco Patrício, na Rua Floriano Peixoto e Rua São Miguel pode-se encontrar desde roupas, calçados, venda de tecidos, eletrônicos, CDs, brinquedos, frutas, verduras, carnes, entre outros produtos. A distribuição da feira em Cuité está representada na Figura 11.

Figura 11 - Distribuição da feira em Cuité/PB



Fonte: Google Earth(2011)

Através de observações *in loco*, constatou-se todo o processo de organização, iniciado

por volta das quatro e meia da manhã da segunda-feira, quando alguns feirantes começam a organização das bancas. No entanto, é a partir das seis horas da manhã que o movimento das pessoas começa.

O trabalho de organização das bancas é feito no domingo pelos cabeceiros. São cerca de 5 pessoas pagas pelos próprios feirantes para transportarem as bancas do local onde são guardadas (no mercado público ou deixadas na rua), até o ponto onde serão colocadas. No final da feira eles também guardam as bancas. Como se observa na Figura 12, algumas bancas são deixadas pelas ruas, ficando exposta ao sol, a chuva e ao lixo.

Figura 12 - Bancas usadas na feira deixadas pelas ruas ou calçadas de Cuité



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Observando todo o espaço da feira, percebe-se a realidade das condições físicas das bancas. Predominam na feira de Cuité as bancas feitas de madeira com cobertura de lonas plásticas.

Durante a madrugada as carnes que serão vendidas no Mercado Público, são trazidas pelos próprios “marchantes” cobertas em fardos de saco, plástico ou palha.

O movimento maior começa a partir das sete horas, pois é nesse momento que os moradores se dispõem a realizar suas compras. A partir daí é possível observar carros, carroças, caminhões, motocicletas, vans e ônibus que circulam pela cidade, vindos do próprio

município e de outros municípios vizinhos.

A variedade de produtos concentrada num mesmo lugar e os preços reduzidos são dois grandes atrativos da feira, que possibilitam o consumo nas camadas da população de menor poder aquisitivo. A feira recebe consumidores com variadas capacidades de compra, no entanto, para o consumidor de baixa renda, se intensifica a importância da feira, tanto pelos preços praticados, como pela disponibilidade de produtos populares e pela facilidade de acesso.

As condições de trabalho nas feiras são precárias e oferecem baixa remuneração. Para Santos (1979), a feira insere-se no circuito inferior da economia, por ser evidenciada a restrição de sua área de atuação e abrangência, sendo uma atividade constituída de baixo nível de lucratividade e que, conseqüentemente, tenderá a geração de uma concentração de pobreza em estado dinâmico cíclica.

A feira é uma fonte de sobrevivência para os comerciantes, sendo muitas vezes a única fonte de renda ou uma complementação salarial.

Na feira de Cuité criadores e comerciantes de animais encontram-se para comprar, vender ou trocar animais de pequeno e grande porte (vacas, cavalos, cabras). A feira dos animais acontece no meio da Rua Vereador Francisco Patrício, rua esta que dá acesso ao campus da UFCG que fica com o trânsito interrompido. É uma mistura de animais, criadores, motos e carros, chegando até a gerar aborrecimentos nas pessoas que precisam usar a rua para chegar ao local desejado. Isso pode ser observado nas Figuras 13 e 14.

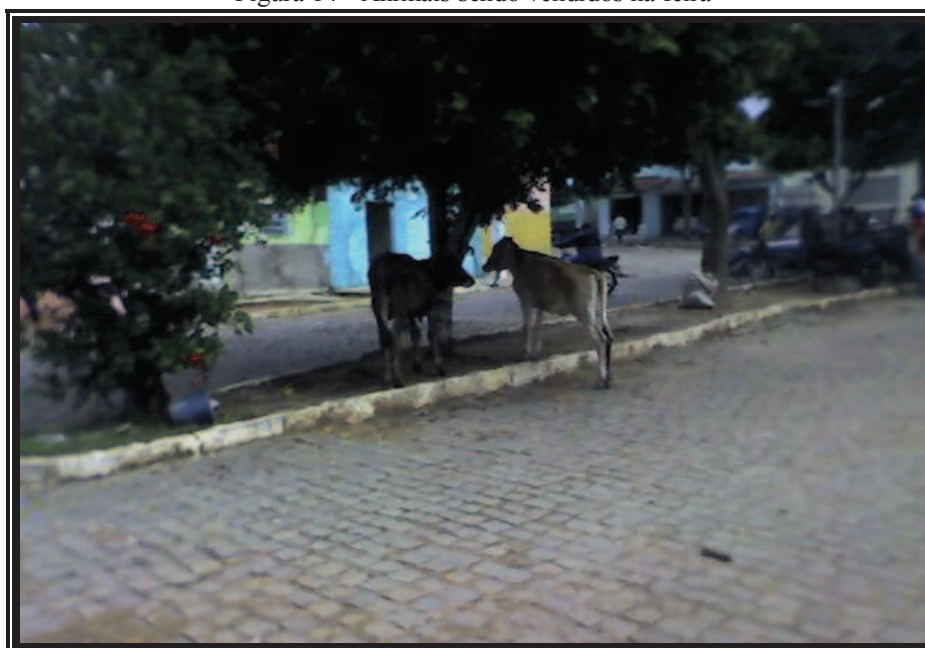
Figura 13 -Feira dos animais





Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Figura 14 - Animais sendo vendidos na feira



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Cada feirante promove a exposição de suas mercadorias de acordo com suas condições econômicas. Existe a falta de organização de alguns comerciantes, sendo possível encontrar diferentes produtos num só lugar para atender diferentes clientes e necessidades: numa

barraca encontrou-se desde peças para fogão, borracha, cordas, raízes, panelas de barro e ferramentas.

Alguns produtos são arrumados cuidadosamente aproveitando cores e formas para chamar atenção do cliente. Por exemplo, os plásticos, ajudam a evidenciar cores. Figura 15.

Figura 15 - Organização dos plásticos na feira de Cuité/PB



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

É importante ressaltar a presença de várias barracas que comercializam vestuário, calçados, material escolar, tecidos, produtos de limpeza, ferramentas, cigarros CDs e DVDs piratas. Observa-se nas figuras 16 e 17 como são comercializados tecidos e roupas na feira de

Cuité.

Figura 16 - Bancas de roupas na feira de Cuité/ PB



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Figura 17 - Venda de roupas e tecidos na feira de Cuité/PB



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Na feira livre de Cuité os preços apresentam grandes variações durante o dia. Ribeiro(2005) descreve que entre 6h e 9h30, estão à venda os produtos com preços mais



elevados e há predominância de consumidores com maior poder aquisitivo; após 9h30, a situação se inverte, ou seja, os preços caem e o número de pessoas com menor poder aquisitivo cresce.

A feira também causa o desenvolvimento de outras atividades, este é o caso, por exemplo, do sistema de transporte, cujos profissionais desta área são bastante beneficiados. No dia da feira, é grande a movimentação de caminhões, vans, ônibus e táxis para transportar mercadorias, feirantes e consumidores. Figura 18.

Figura 18 - Carros que transportam mercadorias e feirantes



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

No que se refere ao mercado público de Cuité este se divide em dois espaços. No primeiro espaço são comercializados produtos como feijão, farinha, milho, produtos de varejo como arroz, macarrão, bolachas, produtos de higiene. Já na outra parte existe a venda de carnes bovina, suína e caprina. Observa-se neste espaço a falta de higiene, tendo em vista a proliferação de moscas(*Aleurocanthus woglumi*), além da exposição das carnes ao toque dos clientes e feirantes. Normalmente os peixes são vendidos ao lado do mercado. O estabelecimento em que se insere o referido mercado e os produtos nele comercializados podem ser observados através das Figuras 19, 20 e 21, respectivamente.

Figura 19 - Mercado público na parte externa



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Figura 20 - Venda de feijão e farinha em parte do Mercado público

Figura 21 - Venda de carne no mercado público

Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

As carnes são vendidas em 26 pontos dentro do mercado. Os pontos não podem ser vendidos ou trocados, mas cada pessoa pode ter mais de um ponto ou alugar. As carnes ficam expostas nos pontos sem nenhuma proteção ou higiene.

Para que se pudesse representar os produtos comercializados na Feira organizou-se um quadro demonstrativo com todos os gêneros, de acordo com oito categorias: fruta, legumes e verduras; carnes; ervas e condimentos; cereais; roupas, calçados e acessórios; animais; peixes e outros produtos. Quadro 01.

Quadro 01 - Produtos comercializados na feira de Cuité/PB

TIPOLOGIA	PRODUTOS
Carnes	Charque, frango, pernil de porco, costela de porco, tocinho, bode, carneiro, costela verde e costela seca, chã de dentro e chã de fora, perna, alcatra, patinho, lombo, peito, filé, contrafilé, miúdos (bucha, tripa, livro, língua, mocotó, qualheira, passarinha, fígado, coração, bofe, rim e testículo).
Fruta, Legumes e Verduras	Abacaxi, acerola, laranja, banana, caju, Embu, melão, mamão, maçã, goiaba, uva, seriguela, jaca, maracujá, manga, abacate, limão, mangaba, coco seco, graviola, pêra, cajá, melancia, cebola branca, cebola roxa, cenoura, batata-doce, batata-inglesa, pimentão, pimenta de cheiro, coentro, maxixe, jerimum, repolho, chuchu, macaxeira, tomate, alface, quiabo, berinjela, pepino, couve-flor, cebolinha.

Ervas e Condimentos	Sementes de coentro, erva-doce, macela, boldo, pimenta do reino, camomila, cravo, louro, colorau, cominho, alecrim, chá preto, gengibre, alfazema, alho, cumaru, espinheira santa, jatobá (dor reumática), tipí (dor reumática), mororó.
Peixes	Traíra, tilápia, tainha e sardinha.
Animais	Boi, vaca, bezerro, bode, cabra, galinha caipira, pato, peru, guiné, cavalo.
Cereais	Feijão verde, carioca, branco, fava, faveta, preto, macaça, arroz, farinhas e milho.
Roupas, Calçados e Acessórios	Sapatos, tênis, sandálias, botas, calcinhas, cuecas, bermudas, shorts, camisas, camisetas, vestidos, bolsas, relógios, blusas, bonés, pentes, tiaras, toalhas, panos de prato, lençóis, redes, carteiras, brinquedos, brincos, óculos, lanternas, garrafas térmicas, aparelhos portáteis, pentes.
Outros produtos	Queijos, manteiga de garrafa, goma de tapioca, biscoitos, pães, sequilhos, artigos de plásticos e alumínio, fumo de rolo, rapadura, mangalho, mesas, cadeiras, motos.

Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Também é possível encontrar na feira um grande número de vendedores ambulantes e carroceiros fazendo o transporte das compras para as pessoas. Os ambulantes ficam ao longo das bancas e das calçadas, dificultando a circulação das pessoas. O grande número de carroças também é um problema, principalmente onde há muitas bancas.

Já na Rua São Miguel encontra-se, frutas, verduras e legumes entre outros produtos. Uma parte das bancas fica embaixo da cobertura do Arraial da Serra, local onde se realizam as festas. O restante das bancas fica distribuída ao longo da rua. Essas barracas são cobertas com lonas plásticas. Tanto as verduras, frutas e legumes ficam expostos às moscas e ao toque dos feirantes.

### 3 OS ATORES SOCIAIS

#### 3.1 Os feirantes vendedores de Cuité/PB

Durante a realização do trabalho de campo, constatou-se o grande número de pessoas que comercializam na feira, sejam eles feirantes e ambulantes, entretanto não há um cadastramento ou um levantamento do número de feirantes existentes.

Para obter esses dados, foi necessária a contagem das bancas feita com ajuda do fiscal da Prefeitura, que semanalmente se responsabiliza pela cobrança da taxa de ocupação do solo cobrada aos feirantes em dia de feira.

O valor pago pelos feirantes pela ocupação do solo em Cuité nos dias de feira é de R\$1,00 a R\$ 7,50 sete reais e cinquenta centavos, dependendo do tamanho do local ocupado pelo comerciante. A Prefeitura se encarrega da arrecadação que é feita com boleto que é entregue ao feirante – não serve como nota fiscal – e toda a soma é entregue ao setor da contabilidade da Prefeitura.

Naquele dia em que foram arrecadadas as taxas de ocupação de vias públicas, arrecadaram-se as taxas de aproximadamente 200 feirantes estabelecidos, sem levar em consideração os ambulantes. No dia em que foi feita a cobrança o número de feirantes era baixo devido às chuvas. Se for levado em consideração o número de ambulantes que não foram contabilizados e os feirantes que faltaram no dia da feira, é possível presumir que o número de feirantes ultrapasse o total de 300 feirantes.

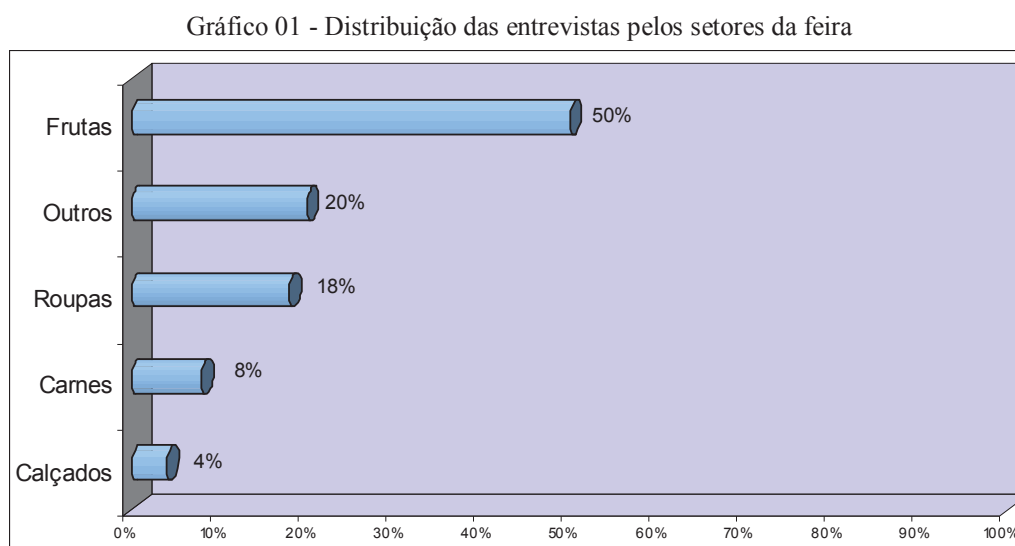
Para entender as particularidades que envolvem a dinâmica do espaço da feira, somente a observação *in loco* não daria conta. Assim, buscou-se a aplicação de entrevistas como suporte, através das quais se procurou saber dos feirantes as seguintes informações: o local de origem, idade, o meio utilizado para se deslocar para feira, o grau de instrução, o tempo de atuação na feira, os produtos comercializados na feira, local onde compra os produtos, a situação da banca, isto é, se é própria, alugada ou cedida, quanto paga de imposto à Prefeitura, se participa de outra feira no Estado e quais as feiras e se possui fregueses fixos.

Durante a pesquisa de campo foram entrevistados 50 feirantes fixos, escolhidos aleatoriamente. As entrevistas foram distribuídas de forma que abrangessem a maior parte dos setores da feira e ao término identificou-se o setor que predomina.

Desta forma, foi possível perceber que o setor de frutas, verduras e legumes predomina



sobre os demais, totalizando 50 %. Em seguida, apareceu setor de roupas com 18%, os outros setores com 20%, destacando-se as bancas de biscoitos, queijos, brinquedos, CDs, DVDs, mangalho, ervas e temperos, cereais, entre outros produtos. Por fim, há o setor de carnes com 8%, e o de calçados com 4%. Esses dados são representados através do Gráfico 01.



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Com base nos dados obtidos por meio das entrevistas traçou-se um perfil dos feirantes que vendem suas mercadorias na feira de Cuité. Com relação ao local de residência, a maioria dos feirantes vive no município de Cuité representando 78% dos feirantes, em seguida aparece Nova Floresta com 16%, Jaçanã (RN) com 4% e por último há Santa Cruz (RN) com 2%.

Em relação ao tempo de atuação dos feirantes, ficou constatado através do Quadro 02 que a maior parte dos feirantes entrevistados tem apenas 2 anos de trabalho na feira, seguido de 5, 8, 10 e 20 anos, com 14%, 10%, 10% e 10% respectivamente. Por fim, as pessoas com 40 anos de trabalho na feira representam apenas 4% dos feirantes.

Quadro 02 - Tempo de atuação dos feirantes

Tempo de atuação dos feirantes na feira de Cuité/PB	
Anos trabalhados	Porcentagem de trabalhadores
2 Anos	18%
3 Anos	2%
4 Anos	4%
5 Anos	14%
6 Anos	8%
7 Anos	2%
8 Anos	10%
10 Anos	10%
11 Anos	2%
12 Anos	8%
14 Anos	2%
15 Anos	4%
16 Anos	2%
20 Anos	10%
40 anos	4%

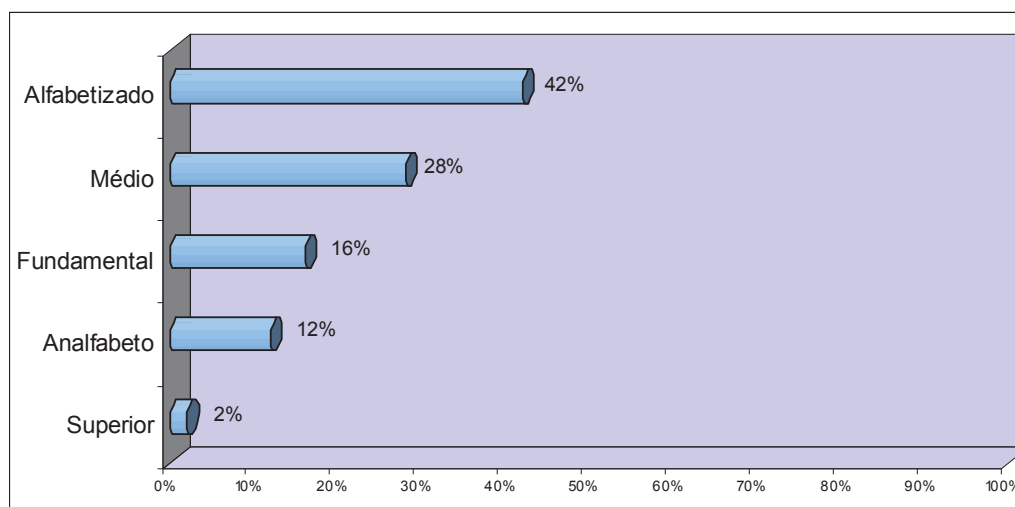
Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Através destes dados foi possível destacar duas realidades distintas existentes na feira. Primeiramente existem os feirantes que têm na feira seu meio de sobrevivência e começaram a trabalhar desde jovens com seus familiares. Em segundo lugar, há os feirantes que começaram neste trabalho por falta de emprego no setor formal da economia.

A explicação para a feira ser a única fonte de renda é o grau de instrução dos feirantes. Dos 50 entrevistados, 12% afirmaram ser analfabetos, 42% se declararam alfabetizados, 16% dizem ter terminado o Ensino Fundamental II, 28% afirmam ter terminado o Ensino Médio e apenas 2% concluiu o Ensino Superior. Gráfico 02.

Dos feirantes entrevistados 72% têm barracas próprias, vendendo todas as segundas, 26% dizem alugar o ponto para vender seus produtos e apenas 2% dizem que o ponto foi cedido pelo dono.

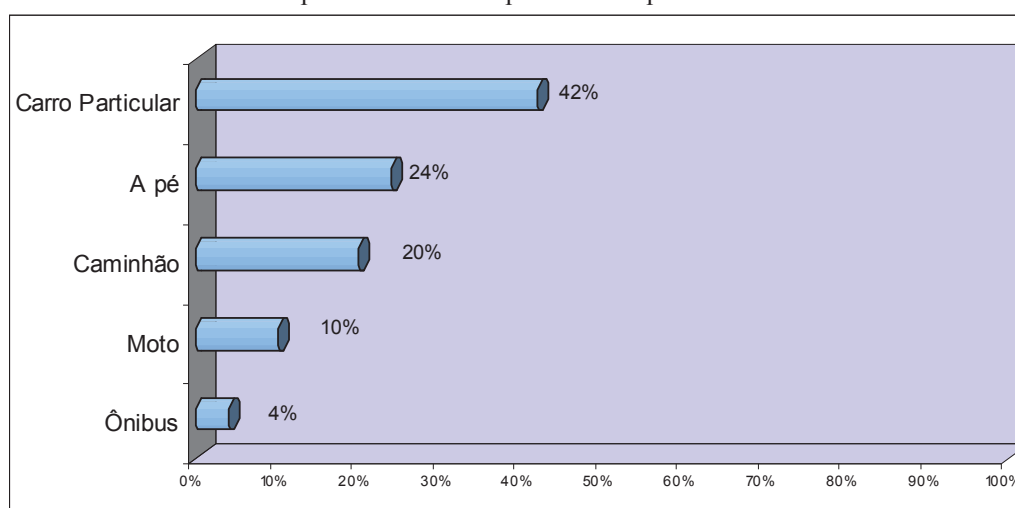
Gráfico 02 -Grau de escolaridade dos feirantes de Cuité/PB



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Com relação ao meio de transporte utilizado pelos feirantes para se deslocar de suas casas até a feira, o carro particular é usado por 42% dos entrevistados, que varia desde carros fechados de duas ou quatro portas até caminhonetes. Em seguida, tem-se a ida dos feirantes a pé para feira com 24%, isso ocorre pelo fato destes feirantes residirem na zona urbana, 20% deslocam-se de caminhão, 10% de moto táxi e por fim 4% de ônibus, que são utilizados pelos feirantes da zona rural de Cuité. O Gráfico 03 mostra os meios de transporte mais utilizados pelos entrevistados.

Gráfico 03 - Principais meios de transporte usados pelos feirantes de Cuité/PB



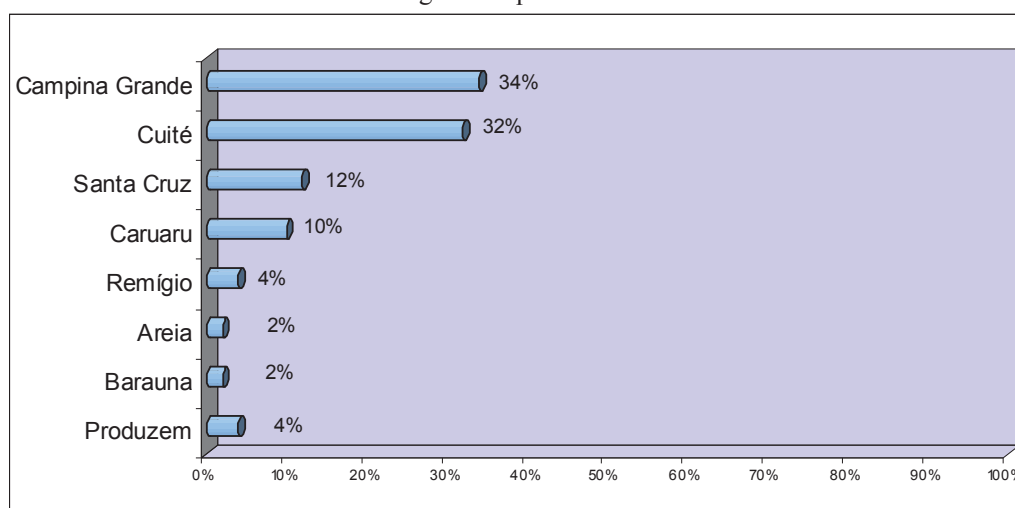
Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

Os meios de transporte também são utilizados para transportar mercadorias na feira.

Antigamente era o próprio município quem fornecia grande parte das mercadorias. Hoje a maioria dos produtos vem de outros municípios e Estados. Os produtos comprados em Cuité totalizam 32%, enquanto Campina Grande tem 34% dos produtos comercializados, seguido de Santa Cruz com 12%, Caruaru também com 10%, Remígio com 4%, Areia com 2%, Baraúna com 2% e finalmente 4% afirmaram produzir seus produtos.

Em Caruaru os feirantes vão para comprar desde roupas até brinquedos, sons entre outros. Já em Campina Grande os produtos mais comprados são frutas, verduras e legumes na Ceasa. Gráfico 04.

Gráfico 04 - Origem dos produtos da feira de Cuité



Fonte: Pesquisa de Campo (2011)<sup>1</sup>

De todos os setores da feira, o de frutas, verduras e legumes é o que apresenta maior concentração quanto à origem dos produtos, pois 30% dos feirantes que comercializam nesse setor afirmaram comprar suas mercadorias na Empresa em Campina Grande.

### 3.2 A Rede de distribuição atacadista no Brasil e a Ceasa/ Empresa de Campina Grande /PB

Os mercados atacadistas brasileiros, ou seja, as Centrais de Abastecimento (Ceasas) surgiram por meio do Sistema Nacional de Abastecimento – Sinac, que implantou na década de 1970 as principais Ceasas e estabeleceu normas de comercialização, informação de mercado e técnicas de produção.

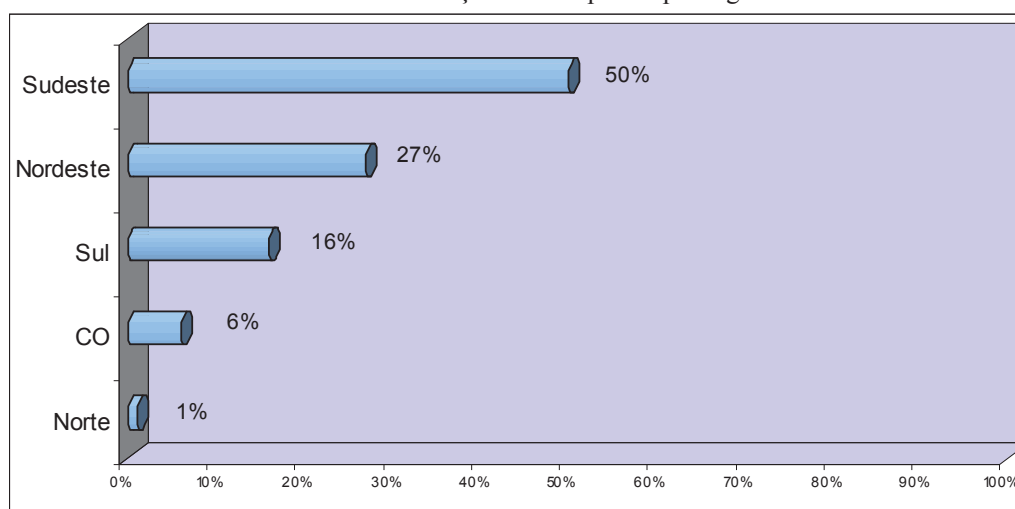
Na década de 1980 a Sinac chegou ao fim e o controle das Ceasas passou para estados

e municípios. Não houve regras estabelecidas na troca de poder, gerando uma falta de organização do setor que resultou numa falta estratégia comercial causando falta de interação entre produção, comercialização, distribuição e consumo.

Houve três mudanças institucionais que atingiram as Ceasas. A primeira foi o destaque na agricultura familiar, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf. Em seguida, têm-se os incentivos e ações a estruturação de programas de segurança alimentar, tais como os bancos de alimentos, promoção de qualidade de produtos e por último, o Programa de Modernização do Mercado Hortigranjeiro – Prohort. Essa modernização visa a reestruturação do sistema através da integração das bases de dados, da troca de informações, da criação de mecanismos comuns de capacitação tecnológica e de estratégias para revitalização do setor.

A Conab (2007) define os entrepostos comerciais como espaços de comercialização atacadista de alimentos, realizada por agentes privados, submetidos a regras operacionais específicas e que permitem acesso irrestrito de vendedores e compradores. No Brasil existem 41 instituições geradoras e 72 entrepostos. A seguir está representada a distribuição dos entrepostos comerciais por regiões brasileiras.

Gráfico 05 - Distribuição de entrepostos por regiões brasileiras



Fonte: CONAB (2009)

Segundo a pesquisa realizada pela Conab, nos entrepostos brasileiros, estes comercializaram em 2007, 15, 5 milhões de toneladas de hortigranjeiros. Observa-se no Quadro 03o volume de movimentação de hortigranjeiros nos entrepostos no ano de 2007.

Quadro 03 - Entrepostos nacionais segundo o volume de movimentação de hortigranjeiros

Nº	UF	IG	Município	Comercialização FLV1000 t anuais	% Total nacional	Participação acumulada (%)
1	SP	Ceagesp	São Paulo	2.957,1	19,1	19,1
2	RJ	Ceasa-RJ	Rio de Janeiro	1.599,4	10,3	29,4
3	M G	Ceasaminas	Contagem	1.369,3	8,8	38,3
4	BA	MP Juazeiro	Juazeiro	859,7	5,6	43,8
5	PE	Ceasa- PE/OS	Recife	840,0	5,4	49,3
6	GO	Ceasa-GO	Goiânia	770,0	5,0	54,2
7	PR	Ceasa-PR	Curitiba	691,8	4,5	58,7
8	SP	Ceasa- Campinas	Campinas	646,6	4,2	62,9
9	ES	Ceasa-ES	Cariacica	510,0	3,3	66,2
10	RS	Ceasa-RS	Porto Alegre	505,2	3,3	69,5
11	CE	Ceasa-CE	Maracanaú	424,6	2,7	72,2
12	DF	Ceasa -DF	Brasília	324,0	2,1	74,3
13	BA	Ebal	Salvador	312,0	2,0	76,3
14	PA	Ceasa-PA	Belém	271,0	1,8	78,1
15	SC	Ceasa-SC	São José	270,8	1,7	79,8
16	SP	Ceagesp	Ribeirão Preto	192,0	1,2	81,0
17	M G	Ceasaminas	Uberlândia	192,0	1,2	82,3
18	PI	Ceasa-PI	Teresina	182,0	1,2	83,5
19	RN	Ceasa-RN	Natal	168,0	1,1	84,5
20	SP	Craisa	Santo André	155,0	1,0	85,5
21	AL	Ceasa-AL	Maceió	132,0	0,9	86,4
22	PB	Empasa	Campina Grande	121,2	0,8	87,2
23	M A	Cohortfrut	São Luís	112,0	0,7	87,9
24	MS	Ceasa-MS	Campo Grande	110,5	0,7	88,6
25	PE	Ceaca	Caruaru	104,0	0,7	89,3
26	PR	Ceasa-PR	Maringá	93,4	0,6	89,9
27	PB	Empasa	João Pessoa	90,3	0,6	90,5

Fonte: CONAB(2007)



Buscando eliminar a influência dos intermediários, vários feirantes se deslocam todas as terças, quartas e quintas-feiras para Empasa em Campina Grande a fim de comprar mercadorias que comercializam na feira de Cuité a preços reduzidos. Gerando um grande movimento de pessoas, de mercadorias e veículos.

A Empasa está localizada na zona norte da cidade de Campina Grande numa área de 5000 m<sup>2</sup> no bairro do Alto Branco, zona nobre da cidade. A escolha dessa área deveu-se a sua proximidade e facilidade de acesso as BR's 104 e 230, de modo que para seu acesso não necessita trafegar pela área central da cidade, tornando o escoamento dos produtos mais eficientes, de modo a distribuir os mesmos em pontos distintos em menor tempo

A importância da Empasa se deve ao fato de ser um centro de distribuição que polariza boa parte da comercialização de produtos agrícolas do Estado da Paraíba, vendendo para as feiras livres ou para supermercados da capital e do interior. Ela dita os preços e tipos de produtos, de acordo com o ciclo de cada cultura.

Os atacadistas exercem um papel importante na circulação das mercadorias que são vendidas na feira de Cuité. A principal função da Empasa é ser o centro fornecedor de produtos para os setores de frutas, verduras e legumes. Enquanto outras empresas do estado, atuam na distribuição dos produtos do setor de cereais, como feijão, arroz, farinha e milho.

De acordo com Santos (1979), o atacadista está no topo de uma cadeia decrescente de intermediários, que chega frequentemente ao nível do feirante ou do ambulante.

A Empasa de Campina Grande foi criada na década de 1970, tendo como principal objetivo concentrar a comercialização hortifrutigranjeira, evitando intermediários. O Governo Federal detinha 52% das ações da Ceasa da Paraíba que era gerenciada pela Companhia Brasileira de Alimento (COBAL). Com o fim da COBAL, houve negociações entre Governo Federal e Estadual, culminando no repasse dos 52% das ações do Governo Federal para o Governo da Paraíba, que assumiu o controle integral da Central, possibilitando a mudança da razão social de Ceasa para Empasa (Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas de Campina Grande), por meio da lei nº5.398 de 15 de maio de 1991 (PARAÍBA, 1991). A Empasa tem autonomia administrativa e financeira. Seus objetivos são: programar, inspecionar, classificar, executar, orientar e fiscalizar a política de abastecimento de gêneros alimentícios, visando desenvolver as atividades de consumo, produção agrícola e estabilizar preços e estoques.

A Empasa tem uma equipe de funcionários que acompanham as atividades que vão desde a administração, fiscalização e arrecadação de impostos. Todas as decisões são tomadas na Sede em João Pessoa/PB.

## **4 A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA FEIRA PARA O MUNICÍPIO E REGIÃO E OS PROBLEMAS AMBIENTAIS GERADOS**

### **4.1 A importância da Feira para o município de Cuité/PB**

A feira livre de Cuité funciona como um instrumento socioeconômico, gerando emprego e renda, além de promover a inclusão social dos produtores e da classe menos favorecida economicamente. A feira também funciona como um local de encontro e de lazer para população.

Este espaço de comércio tradicional gera emprego para moto-taxistas, cabeceiros, carregadores debarracas, crianças com seus carros-de-mão, proprietários de caminhões que trafegam com os produtores rurais, os atravessadores (trazem mercadoria da zona rural dos pequenos agricultores), proprietários de bares, lanchonetes, restaurantes, donos de dormitórios que recebem os feirantes de cidades próximas, enfim, a feira mobiliza grande parte da cidade. Inclusive criando territorialidades.

A variedade de produtos encontrados na feira é enorme. É possível encontrar desde alimentos produzidos na região e em outros locais, tais como: roupas (fabricadas em Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe), utensílios domésticos, plásticos, louças, leite, entre outros. Essa grande quantidade de produtos atrai todas as camadas da população, principalmente os de baixa renda devido aos preços mais baixos.

Para Santos (1994), a feira representa um espaço onde o novo se encontra com o velho, o moderno com o tradicional.

Este espaço comercial oferece trabalho e conduz a riqueza e circulação de moeda dentro do município, neste aspecto, a feira faz a cidade acontecer enquanto promotora de bens, serviços e produtos. Andrade (1986, p. 33) diz que:

Levando-se em conta a importância da atração do homem como produtor e como consumidor de bens e de serviços e sabendo-se que é ele o agente produtor do espaço geográfico, temos de admitir ser necessário à Geografia Econômica o conhecimento da população e das mais diversas estruturas a ela ligadas, a fim de que se possa estabelecer uma análise geográfica do trabalho.

Ou seja, a população e a feira se complementam dando origem a uma cultura baseada no comércio local, tornando a feira uma constante. A feira impulsionou o crescimento da cidade marcando até hoje a dinâmica econômica e social de Cuité.

A feira livre é uma atividade de grande relevância econômica para o município, representando a única fonte de renda de muitas pessoas. Atualmente a feira é constituída por homens e mulheres que saíram ou saem de suas cidades de origem em busca uma vida melhor. Alguns desses trabalhadores foram levados pelos pais quando criança para ajudar, outros trabalham para própria família. Essas pessoas vêem na feira a oportunidade de está inserido no mercado de trabalho.

Portanto, a feira é uma atividade econômica de subsistência que está inserida no setor informal. Sendo palco da comercialização de diversos produtos, principalmente de alimentos, promovendo um desenvolvimento econômico significativo para o município.

A área de atuação da feira depende do seu tamanho. Os produtos que predominam nas feiras atuais não são majoritariamente dos municípios.

As feiras realizadas no Nordeste, incluindo a de Cuité têm como objetivo concentrar parte da produção agrícola da Região. Formando mercados, para onde se deslocam inúmeros vendedores.

A partir do momento que esses mercados cresceram e se desenvolveram passaram a ter uma organização e realização próprias. Elas encontram-se espalhadas pelas grandes cidades, pelos centros regionais e nas pequenas cidades.

Por causa da importância econômica e dependendo da área de atuação, as feiras na Região Nordeste classificam-se como local ou regional e, em alguns casos assumem uma forma espacial tipo circuito (ANDRADE, 1997).

As feiras possuem importâncias diferentes nas economias locais, destacando o Agreste e o Sertão. Andrade (1997, p.129) afirma que:

Se compararmos as feiras que se localizam na área dominada pelas grandes usinas da porção oriental do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco e de Alagoas, com as do Agreste, [...] elas são inexpressivas e ocupam o centro – rua ou praça – da pequena cidade e são concluídas antes do meio dia, enquanto na região do Agreste, ela toma grandes proporções, ocupando muitas vezes quase toda área urbana e permanecendo com intensa atividade durante todo dia.

O Município de Cuité é uma cidade pequena em relação à centralidade, tendo uma importância maior para vida urbana local. No dia da feira o município exerce centralidade sobre as cidades vizinhas.

Enquanto a feira de Cuité é realizada as segundas-feiras, os outros municípios próximos realizam suas feiras em dias diferenciados como Barra de Santa Rosa que realiza sua feira na quinta ou a feira de Picuí realizada no sábado.

Falou-se anteriormente que o desenvolvimento da cidade e do comércio em Cuité se deu no contexto do sisal. Com o fim dessa fase de produção do sisal a cidade sofreu uma crise econômica diminuindo o consumo no comércio e causando uma diminuição na renda das famílias cuiteenses.

Portanto, a feira de Cuité tem importância regional, sendo ela uma das mais importantes do Curimataú Ocidental, para onde todas as segundas se dirigem muitas pessoas de municípios como Picuí, Nova Floresta, Barra de Santa Rosa, Sossego e Jaçanã (RN), que vem para Cuité com objetivo de vender seus produtos ou ainda comprar no comércio local.

#### **4.2 Os problemas ambientais gerados pela feira**

Além das mudanças ocorridas na sociedade e no espaço cuiteense, procurou-se por meio de observação *in loco*, identificar os principais problemas existentes na feira. Atualmente a feira é um espaço socioeconômico que gera empregos e movimentação a economia do município, mas também concentra problemas ambientais no local onde é realizada e nas proximidades.

Através das observações foi possível constatar diversos problemas. Dos quais se destacaram poluição por resíduos sólidos, e a falta de lixeiras para deposição do lixo. Essa falta de lixeiras também é um fator que leva os feirantes a jogar lixo nas ruas causando odor desagradável e a presença de insetos.

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR10004) o lixo ou resíduos sólidos, corresponde aos restos domésticos e resíduos não perigosos, tais como os resíduos comerciais e institucionais, o lixo da rua e os entulhos de construção (ABNT, 2004). Esses resíduos sólidos degradam o meio ambiente e contaminam os recursos naturais por erros na hora de sua disposição.

Os setores da feira que mais produzem os resíduos sólidos são os hortifrutigranjeiros, carnes e cereais. Já o setor de roupas e calçados geram menos resíduos. Esse material é gerado por feirantes e consumidores.

O lixo orgânico é composto por frutas, legumes e verduras que são jogados fora e que poderiam ser utilizados na alimentação da população carente. Algumas medidas podem ser utilizadas para diminuir a produção desse resíduo, tais como: o uso das frutas, legumes e verduras em bom estado para alimentação humana, alimentação de animais e produção de adubos pela compostagem.

Já o lixo inorgânico é composto por garrafas, pets, sacolas, jornais, papelão, copos descartáveis. Esses materiais podem ser reciclados ou encaminhados para locais onde haja armazenamento correto. Eles acarretam danos ao meio ambiente por causa do tempo de decomposição na natureza. Todos esses materiais são encontrados jogados nas ruas onde a feira está sendo realizada. Somente na terça-feira pela manhã é feita a limpeza pelos funcionários da limpeza municipal (garis). Eles são responsáveis pela limpeza e recolhimento do lixo, que em seguida é colocado em um caminhão utilizado para coleta e levado para o lixão da cidade.

Segundo o IBGE (1991), o Brasil descarta 76 % de todo seu lixo a céu aberto, 13% em aterros controlados, 10% em aterros sanitários e apenas 1% do lixo é tratado. A disposição final do lixo deveria ser em aterros sanitários, usinas de compostagem, incineração ou reciclagem.

O aterro sanitário deve ser projetado por engenheiros, tendo como objetivo reduzir o impacto do lixo no meio ambiente. O lixo é colocado dentro de um local impermeabilizado e depois coberto por uma camada de terra que tem a função de evitar o surgimento de moscas, ratos e outros animais. Esse processo evita a contaminação do solo e da água por chorume e outros elementos.

A compostagem consiste na decomposição do lixo orgânico que é transformado por microrganismos em adubo. Ela diminui a quantidade de lixo no ambiente.

A incineração é a queima de um determinado tipo de lixo, como é o caso do lixo hospitalar, remédios com prazo de validade vencidos e comidas estragadas. Existe a necessidade do tratamento final dos gases poluentes emitidos pelo incinerador, através dos filtros.

A reciclagem consiste em utilizar materiais já usados e descartados como fonte de produção de novos materiais. As vantagens desse método são: preservar os recursos naturais e diminuir a poluição.

Para diminuir o problema dos resíduos sólidos gerados na feira de Cuité seria

necessário educar feirantes e consumidores a respeito dos malefícios do lixo, implantar lixeiras adequadas para coleta seletiva, ou seja, o lixo é separado de acordo com seu tipo de material. Em seguida, o lixo seria coletado e enviado para indústrias de reciclagem.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a Dinâmica Sócioespacial do município de Cuité e sua feira livre representa um resgate histórico, sócioespacial e econômico do município. A feira não se limita ao comércio. Nela materializa-se uma valorização da cultura e a reprodução dos costumes locais.

Assim como o teatro, que permite ação de vários personagens e histórias, a feira livre é rica justamente por ser um local cheio de sons, cheiros, movimentos, colorido e troca. A sensação que fica é que, cada vez ao sair dela com as mãos cheias de produtos, leva-se também uma bagagem mais rica ainda, que é a de vivência, experiências, conversas e alegria.

Por fim, outro destaque, que leva a ligar firmemente a feira, a cultura popular e a festa, é o seu próprio fim. Nada mais evidente que um clima de “festa” nos momentos finais de uma feira. A mistura de cansaço e tristeza, mas com a convicção de alegria vivenciada e compartilhada, pelos seus diversos atores sociais.

Sendo assim, através da constatação de tantas ligações entre a feira, a cultura popular e as diversas manifestações de festividades, é possível confirmar a vital importância de sua conservação e de como é necessário estimular o respeito a essa manifestação.

É necessário também estimular que as feiras sejam frequentadas, para que o agressivo modelo moderno de comércio e mercadorias não as elimine. Ao mesmo tempo, é fundamental que o poder público cumpra o papel na fiscalização dos diversos personagens, e que imprima a compreensão de seus limites e saiba respeitar o espaço e importância da espontaneidade da feira.

Ao tempo, que a própria feira materializa-se como um meio de divulgação tradições e costumes, almeja-se que as famílias transmitam esse hábito para outras gerações mesmo em meio ao claro e moderno cotidiano e que as escolas possam passar aos jovens a integridade do valor dessa manifestação popular.

Esse estudo trouxe alguns depoimentos que expressam como era o município de Cuité em seu tempo histórico e a feira como parte dela. As pessoas abordadas responderam a entrevista informal com naturalidade, proporcionando uma base teórica oral necessária à ao resgate pelo senso comum isto pela falta de material histórico de Cuité em registro documental.

O fato das atividades econômicas praticadas na feira causarem impactos na vida dos

seus consumidores e vendedores, por meio da dinâmica socioeconômica presente, permite compreender como os feirantes vendem seus produtos para a população cuiteense, e sobrevivem desta atividade.

Com o crescimento da população urbana e o aumento do consumo de produtos, houve conseqüentemente a chegada de novos empreendimentos, entre eles os supermercados, porém a feira livre permanece ainda como um contexto de resistência à modernidade dos espaços comerciais únicos.

A feira livre de Cuité é de fato de geração de emprego e renda, essa função se justifica pelo fato do município não ter grande oferta de emprego.

Por fim, almeja-se que este estudo possa contribuir no registro e resgate sobre a feira de Cuité e suas modificações no decorrer do tempo. Além de mostrar a importância da feira na organização e dinâmica do município.

## REFERÊNCIAS

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10004**: resíduos sólidos: classificação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

AESA. Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. **Geo portal AESA**. Disponível em: <<http://www.aesa.pb.gov.br/geoprocessamento/geoportal/mapas.html>> Acesso em: 3 abr. 2011.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia econômica do Nordeste**: o espaço e a economia nordestina. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia econômica**. 8 edição. São Paulo: editora Atlas: 1986.

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Volume 2)

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Diagnóstico dos mercados atacadistas de hortigranjeiros**. 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

COSTA, Ramilton Marinho. **O capa verde**: transformações econômicas e interesses de classe no Curimataú paraibano. 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1989.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 235, de 15 de janeiro de 1992. Regulamenta o funcionamento das feiras-livres e permanentes no Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Brasília, 15 jan. 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOOGLE EARTH. **Cuité - Paraíba**. Disponível em: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)> Acesso em 16 mar. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 1978**. IBGE, 1978.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB)**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do censo demográfico 2010: Cuité/PB**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10 abr. 2011.

MEDEIROS, Coriolano. **2º Dicionário Corográfico da Paraíba**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1940.

- MOBRAL. Movimento Brasileiro de Alfabetização. **Município de Cuité**. João Pessoa: MOBRAL, 1985. (Projeto Gincana Cultural)
- MOREIRA, Emília; MOREIRA, Ivan Targino. **Capítulos de Geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.
- PARAÍBA (Estado). Lei nº 5.398 de 15 de maio de 1991. Autoriza o poder executivo a proceder fusão de empresa estatais e a instituir empresa pública e das outras providências. **Diário Oficial [do estado da Paraíba]**, João Pessoa, n. 8.822, pp. 1-2, 16 de maio de 1991.
- PARAÍBA. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Universidade Federal da Paraíba. **Atlas geográfico da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1985.
- PEREIRA SOBRINHO, José. **Cidadão da minha rua**. Campina Grande: Ed. Vitória, 2005.
- PEREIRA, Jônatas Rodrigues. **História de Cuité**. Disponível em: <<http://historiadecuite.blogspot.com/>> Acesso em 20 fev. 2011.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. **Projeto História 15: ética e história oral**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História – PUC-SP, São Paulo, n. 15, 1997.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- RIBEIRO, E. M. et al. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, v. 2, n. 2, jun. 2005.
- RIBEIRO, Margarida. **Contribuição para os estudos das feiras e mercados**. Lisboa, 1965.
- SANTIAGO, Luiz. **Serra do Cuité: sua história, seus progressos, suas possibilidades**. João Pessoa: Ed. A Imprensa, 1936.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Milton Santos).
- SEBRAE/PB/PRODER. Série: **Diagnósticos socioeconômicos de Cuité**. Vol. XIX. João Pessoa, 1997.
- VIEIRA, Rute. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá/PB**. Paraíba: DEGEO/UFPB. 2004.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A****Pesquisa de Campo – Entrevista Oral com pessoas mais velhas do município de Cuité**  
**A DINÂMICA SÓCIOESPACIAL DA FEIRA DE CUITÉ/PB**

- 1- Sexo: ( )Feminino ( )Masculino
- 2- Nome do entrevistado (a): \_\_\_\_\_
3. Como era o município de Cuité na sua infância?
4. A população cuiteense sobrevivia de que cultura?
5. Como era a feira de Cuité na época do mercado de Três Portas?
6. Que tipos de mercadorias comprava na feira?
7. Como era transportada a população da zona rural para zona urbana em dia de feira?
8. Como se deu o desenvolvimento da feira de Cuité?
9. Quais as diferenças da feira de antigamente para a realizada atualmente?
10. Do que você sente falta da antiga feira?



## APÊNDICE B

### Pesquisa de Campo - Entrevista com os feirantes vendedores de Cuité/PB A DINÂMICA SÓCIOESPACIAL DA FEIRA DE CUITÉ/PB

- 1- Sexo: ( )Feminino ( )Masculino
- 2- Nome do entrevistado (a): \_\_\_\_\_
- 3- Local de Residência  
( 1) Zona Urbana      (2) Zona Rural      (3) Outro Município      (4) Outro Estado  
Qual? \_\_\_\_\_
- 4- Naturalidade  
( 1) Zona Urbana      (2) Zona Rural      (3) Outro Município      (4) Outro Estado  
Qual? \_\_\_\_\_
- 5- Idade \_\_\_\_\_
- 6- Qual meio utilizado para se deslocar de casa para Feira?  
( ) ônibus              ( ) carro particular              ( ) a pé  
( ) táxi                  ( ) caminhão                  ( ) moto táxi
- 7- Grau de instrução:
- Analfabeto ( )              Alfabetizado ( )              Superior ( )  
2º Grau ( )                  1º Grau ( )                  técnica ( )
- 8- Tempo de atuação na feira: \_\_\_\_\_
- 9- Produto (s) comercializado (s):  
( ) Carnes              ( ) Roupas              ( ) Frutas, legumes e verduras  
( ) Peixes              ( ) Calçados              ( ) Outros
- 10- Local onde compra os produtos: \_\_\_\_\_
- 11- Qual a situação da sua banca? ( ) Própria      ( ) Alugada      ( ) Cedida
- 12- Possui alguma pessoa para ajudar? ( ) Sim      ( ) Não  
Quem? \_\_\_\_\_
13. Quanto paga de imposto à prefeitura? \_\_\_\_\_
- 14- Participa de alguma outra feira no Estado? ( ) Sim      ( ) Não  
Qual (is)? \_\_\_\_\_
- Dias da Semana;  
2ª ( )      3ª ( )      4ª ( )      5ª ( )      6ª ( )      ( ) Sab.      Dom. ( )
- 15- Possui fregueses fixos? ( ) Sim      ( ) Não